



FATIM – Faculdade de Teologia Integrada
AACILUS – Instituto de Educação e Imigração
IPP – Instituto Politécnico do Porto

FLÁVIO DE SOUZA LUIZ

AS ATITUDES DOS ALUNOS DO 6º AO 9º ANO FRENTE À
AVALIAÇÃO DE MATEMÁTICA.



FATIM – Faculdade de Teologia Integrada
AACILUS – Instituto de Educação e Imigração
IPP – Instituto Politécnico do Porto

FLÁVIO DE SOUZA LUIZ

AS ATITUDES DOS ALUNOS DO 6º AO 9º ANO FRENTE À AVALIAÇÃO DE MATEMÁTICA.

Dissertação e apresentação como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciências da Educação à AACILVS, na área de Educação.

Orientadora: Profª Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Cabo Frio (RJ) 2016

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos

SEME	Secretaria Municipal Educação
SEEDUC	Secretária de Estado de Educação
MEC	Ministério da Educação
BID	Banco Internacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação e Ciências e Cultura
LDB	Lei de Diretrizes e Base
OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OEA	Organização dos Estados Americanos
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
FMI	Fundo Monetário Internacional

“Apesar dessas possibilidades de luta, não podemos esquecer que, na realidade, a avaliação é um mecanismo privilegiado para garantir a função seletiva da escola na sociedade capitalista e, como tal, está atrelada à contradição básica desta sociedade. Os procedimentos de avaliação respondem à organização global do trabalho pedagógico na escola, organização que é produto das expectativas que a sociedade capitalista tem da escola”.

Freitas, 1990, p.28

Resumo

LUIZ, Flávio de Souza (2016). A Avaliação de Matemática de 6º ao 9º ano. Cabo Frio, 30 p. Projeto de Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação. AACILUS, FATIM E IPP

Desde os primórdios e ao longo da história o tema da avaliação tem ganhado espaço significativo nas políticas de educação.

O presente texto tem por objetivo conhecer o processo de avaliação em matemática do 6º ao 9º ano.

A avaliação escolar é um processo natural no meio acadêmico, que se apresenta como uma ferramenta utilizada pelo educador serve como elo entre a construção da aprendizagem sua aplicabilidade na sala de aula.

A busca pelo entendimento de como são aplicadas essas avaliações e quais os seus resultados, vem sendo abordada por vários autores, tendo em vista que a avaliação tem como dimensão de análise o desempenho do aluno, do professor e de toda a situação de ensino da área escolar.

A coleta de informações aplicadas nesse contexto será através de questionário em escolas públicas da rede de ensino de Cabo Frio.

Na discussão gerada em torno dos educadores pelo tema da avaliação deve-se entender a importância a necessidade de avaliar corretamente os alunos e questionar o significado da avaliação buscando mostrar que ela deve ser um processo para auxiliar o desenvolvimento cognitivo do aluno e não apenas classificatório.

Dessa forma, além dos aspectos cognitivos, os professores, em sua reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem, compreendem que a avaliação dos alunos se dá também através da afetividade, participação, compromisso, responsabilidade, sentimento, interesse e atitudes.

Palavra Chave: Avaliação Escolar, Avaliação em Matemática, A
perfumasse do aluno perante avaliação.

Abstract

Luiz Flávio de Souza (2016). Mathematics Assessment 5th to 9th grade. Cabo Frio, 30 p. Master's Thesis project in Educational Sciences - Graduate Program in Education. AACILUS, Fatim and IPP

From the beginning and throughout history the assessment of the issue has gained significant space in education policy.

This paper aims to understand the evaluation process in mathematics from the 5th to 9th grade.

The school evaluation is a natural process in academia and is presented as a tool used by the educator and serves as a link between the construction of learning and its application in the classroom.

The search for understanding of how to apply these assessments and what are its results, has been approached by several authors, given that the evaluation has the dimension of analysis the performance of the student, the teacher and the whole area of the teaching situation school.

The collection of information applied in this context will be through a questionnaire in public schools in Cabo Frio school system.

In the discussion generated around the educators for assessment subject must understand the importance and the need to properly evaluate students and question the assessment of meaning in order to show that it should be a process to assist the cognitive development of the student and not only classificatory .

Thus, in addition to cognitive aspects, teachers in their reflection on the teaching-learning process, understand that the assessment of students is given also by affection, participation, commitment, responsibility, feeling, interest, attitudes, which must be taken in consideration.

Keyword: School Assessment, Assessment in Mathematics, The performance of the student before evaluation.

Índice

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos... III

1. INTRODUÇÃO.....	X
2. REFERENCIAL TEORICO.....	XVI
a. Processo para seleção de referencial teórico.....	XVI
3. PROBLEMATIZAÇÃO	XVIII
4. OBJETIVOS.....	XXVII
a. OBJETIVOS GERAIS	
b. OBJETIVOS ESPECIFICOS	
5. DESIGN DA INVESTIGAÇÃO.....	XXVIII
a. OBJETO DA PESQUISA	
b. SUJEITO DA PESQUISA	
c. LÓCUS DA PESQUISA	
d. INSTRUMENTO DA PESQUISA	
e. PROCEDIMENTO DE ANALISE	
6. CRONOGRAMA	XXX
7. BIBLIOGRAFIA.....	XXXI

INTRODUÇÃO

A avaliação tem se mostrado presente em todas as épocas da sociedade, um tema tão antigo, porém bastante atual em que vários autores, pesquisadores buscam através de discussões a melhor forma de direcionar a educação usando a avaliação como parâmetro, pois a centenas de anos tem uma representação no universo escolar. Muitos deles trazem à tona esse tema, e fazem uma reflexão sobre o sucesso e o fracasso do educando no processo de inclusão ou exclusão educacional. Ao longo de minha carreira no magistério e lendo vários pensadores tenho várias perguntas com várias respostas: Por que tantos alunos não conseguem atingir suas médias escolares ou metas pessoais? Será que o sistema de ensino ou sistema de avaliação está correto? E em sala de aula ouvi tantos alunos fazerem aquela velha pergunta “Vai ter prova?”, começou a minha angústia. Essa pergunta que tanto cria temor aos alunos, refere-se à avaliação.

Em uma busca na história, no século XI e XII, a avaliação já era aplicada pelos chineses com a intenção de examinar o indivíduo para que o mesmo assumisse determinados trabalhos e cargos mais elevados. Com isso, a partir de dados históricos, podemos dizer que toda forma de avaliação tem um sentido.

Se a eficácia desse procedimento, na forma em que é apresentada pelo mestre, é entendida pelos alunos e será capaz de conduzi-los, durante a vida, para o alcance do conhecimento pleno e de sua plenitude social, é o que nos move e nos cabe analisar.

Na Grécia Antiga, por exemplo, a avaliação obedecia a um ritual: as crianças eram levadas pelos seus anciões para uma análise minuciosa e aquelas que poderiam assumir postos superiores eram separadas das demais, as que apresentavam alguma deficiência eram executadas e as outras começavam a praticar exercícios físicos em alta proporção para que se tornassem grandes guerreiros.

Na Europa antiga, a forma de avaliação era fundamentada em conhecimentos estabelecidos pelos mestres que determinavam um conteúdo para que os alunos, após semanas de estudos, fossem sabatinados em exames orais; sendo aprovados estariam aptos a cursar o próximo conteúdo.

No Brasil, a plataforma tinha base na educação jesuíta com influência barroca. Os exercícios de memorização, de leitura de textos, gramática, filosofia, lógica e teologia já faziam parte do cotidiano escolar. Um fato interessante era que, naquela época, uma das grandes preocupações dos mestres era inibir a cola e cópias, por isso os alunos eram sentados separados.

Já na década de quarenta, as provas passaram a ser mensuradas através da Circular nº. 13 de 03 de dezembro de 1940, da Divisão de Ensino Secundário. Organizavam os exames de forma que “Ao exame escrito, de caráter eliminatório, deve ser dada a maior importância, pois é de fato o que permite aferição mais exata das condições reais do candidato ao curso secundário”. Sobre o exame de matemática registrava a circular:

“A prova escrita de Matemática visa, de modo especial, apurar o domínio das operações fundamentais e o desembaraço no cálculo. Os problemas e exercícios propostos devem, portanto, verificar, realmente estes dois pontos, evitando-se os de exposição intrincada e fácil resolução, como são geralmente os chamados "quebra-cabeças". (BICUDO, 1942:542)

Então, a avaliação em termos gerais passou a ser apenas instrumento para mensurar os procedimentos de ações que serão direcionadas para o estudo sistemático de um fenômeno, uma situação, um processo, um evento, uma pessoa, visando emitir um valor àquele conhecimento. Sabe-se que essa prática de exame foi aprimorada e com isso os instrumentos usados passaram também a ser avaliados, ou seja, as notas obtidas em salas de aulas passaram a fazer parte de um universo escolar, encaminhadas para Secretaria Municipal Educação (SEME), para a Secretária de Estado de Educação (SEEDUC) e Ministério da Educação (MEC). Com um mundo cada vez mais globalizado, as organizações internacionais como Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento

(BIRD), o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Internacional (BID), a Organização das Nações Unidas para a Educação e Ciências e Cultura (UNESCO) direcionaram seu olhar para os resultados. Basearam-se em grandes fontes de pesquisa, livros, teses, seminários entre outros e a partir daí tiveram a necessidade de estabelecer um parâmetro único para a avaliação das notas e médias, visando prover o futuro dos educandos e inseri-los no parâmetro internacional. Com a economia voltada cada vez mais para um mundo unificado, a aceleração da revolução tecnológica e uma sociedade de consumo cada vez mais competitiva, em que a produção é que determina quem é bom ou ruim, fica claro que o aluno não poderá mais estudar apenas para as provas de conteúdo, mas adquirir habilidades para aplicá-las na vida. Em um mundo globalizado em que a avaliação institucional tem maior peso que a avaliação acadêmica, o profissional será analisado periodicamente e terá uma força muito maior que os valores atribuídos a ele na sala de aula. Nesse momento, será cobrado a ética, o conhecimento, o empenho, as relações interpessoais, profissionalismo e conhecimento básico de matemática.

“Embora sejam os alunos os que respondem as provas e os questionários, na realidade não são os alunos que são avaliados. O que se avalia é o rendimento do sistema por meio das respostas dos alunos. Então, as interrogações dos estudos deveriam consistentemente orientar-se, não às pessoas que são os alunos, mas ao sistema no qual estão inseridos esses alunos. (Casassus, 1998, p.135).”

É importante mostrar que Casassus informa, pois no sistema o aluno demonstra nas provas o que foi entendido por eles e nem sempre e o pedido, os mesmos são meros condutores da sala de aula e os mestres esquecem que toda a educação será avaliado a partir das provas aplicadas por eles é necessário mostrar a diferença porque estamos diante de formas diversas de entendimento .

Por essa razão, quando estou ministrando minhas aulas no Ensino Fundamental II, ou seja, do 6º ao 9º ano, em cursos de qualificação e técnico do SENAI, rede estadual de ensino no município de Cabo Frio e outros como São

Pedro D'Aldeia e Macaé, deparo-me com a grande dificuldade dos jovens em contextualizar essa matemática.

Mas vários fatores externos também influenciam o resultado final do contexto educacional importante e resaltar o papel famílias que na maioria das vezes definem o seus filhos com um ser com medidas pré estabelecidas pela sociedade assim como para alguns grupos sociais, a nota final obtida pelo aluno e realmente importe e passa a ser o retrato de sua aprendizagem mas a investigação e a preocupação de saber se foi alcançada com a cola, simples apresentação de trabalhos facilitadores ou, até mesmo o fato de apresentar-se uniformizado, portando o material da aula para obter pontos extras não importa e sim a nota. Se o resultado final concedeu ao estudante uma nota excelente, ele é, para esse grupo, de alunos excelentes.

A avaliação subentende uma relação de respeito e cumplicidade entre o educando e o educador. Se o mestre demonstra sede de conhecimento e busca apresentar uma ótica diferente acende essa luz no aluno ao transmitir o conhecimento, fazendo com que o seu aluno acredite na sua performance, o estudante passa a admirá-lo não apenas como professor, mas também como seu mestre. Em contra partida, porém se o professor falta, não tem entusiasmo, é derinteressado e o aluno sabe que receberá um ponto extra, certamente não se sentirá motivado a aprender, mas apenas em ter notas.

O trabalho para desenvolver um educando entusiasmada passa pelo educador que tem grande oportunidade de despertar no educando uma nova forma de ver a avaliação e quebrar o paradigma de que o aluno só é bom se tirar boas notas. É hora de melhorar a discursao junto a academia cientifica que nesta fase será a melhor fase da aprendizagem de conhecimentos e que a avaliação é o ponto chave para aferir o que foi adquirido, não apenas vinculá-lo a parâmetro obtenção de notas, mas sim em qualificar cada vez mais o aluno.

A abordagem da avaliação de matemática muitas vezes é apresentada aos alunos como um “bicho de sete cabeças” acerca de um conteúdo complicado, quando, na verdade, o que é cobrado nas avaliações é exatamente o conteúdo apresentado em sala de aula.

Sabemos que cada unidade escolar pode definir o seu sistema de avaliação amparado pela LDB (Lei de Diretrizes e Base) da Educação definida no artigo 39 inciso 1.

Art. 39. A apuração do rendimento escolar ficará a cargo dos estabelecimentos de ensino, aos quais caberá expedir certificados de conclusão de séries e ciclos e diplomas de conclusão de cursos.

§ 1º Na avaliação do aproveitamento do aluno preponderarão os resultados alcançados, durante o ano letivo, nas atividades escolares, asseguradas ao professor, nos exames e provas, liberdade de formulação de questões e autoridade de julgamento.

A LDB determina que sejam aplicados os exames e transfere para as unidades escolares e para os educadores a melhor forma de formular as questões. O julgamento das mesmas, muitas vezes, busca a melhor maneira de mensurar a avaliação com o intuito de “ajudar” e aumentar os índices de aprovação. No processo dos exames, alguns professores relatam como aplicam as avaliações e montam suas médias, como mostra o relato dos professores de matemática.

“Tiro a média de trabalhos de casa, problemas e provas. Verifico se esta média representa realmente o que o estudante parece saber. Eu ajusto se julgar necessário” (Professor de Matemática). (Bernardete A. Gatti, em Estudo em Avaliação Educacional, n 27,jan-jul,2003)

“Atribuo notas na base de uma porcentagem de pontos possíveis. Atribuo pontos a provas, problemas e trabalhos de casa. Os alunos que ficam no limite de aprovação são considerados individualmente quanto à sua participação em classe e atitude” (Professor de Matemática).(Bernardete A. Gatti, em Estudo em Avaliação Educacional, n 27,jan-jul,2003)

A nova forma de avaliação que esta sendo discutida pelos pensadores vem justamente contra essa pratica de sala de aula e assim estamos sendo cada vez mais direcionada para uma avaliação democrática, uma tendência à educação emancipatória, e assim assegurar cada vez mais na instituição o caráter educativo da avaliação então teremos a revisão das ações do professor, a avaliação compreensiva e global do processo de ensino e aprendizagem, avaliação

democrática em que os resultados são discutidos e negociados entre os participantes do trabalho escolar, auto-avaliação como processo de estímulo, mediante um processo reflexivo rigoroso de planejamento-observação-análise-reflexão, em que o professor é também um investigador, qualidade das relações sociais e efetivas com os alunos, preparo profissional do professor no conhecimento da disciplina e dos métodos e procedimentos de ensino e avaliação, gestão da classe em vários aspectos, como organização e desenvolvimento das aulas, qualidade da comunidade com os alunos, procedimento e instrumentos de avaliação da aprendizagem.

Assim todos os envolvidos no processo educacional buscam a melhor maneira de ensinar e avaliar o indivíduo para sua plenitude, por isso que o tema é bem vasto e brilhante.

REFERENCIA TEORICO

Analisar a avaliação escolar é uma grande discussão da academia, como o educando pensa sobre o seu cotidiano escolar e avaliativo. Como as avaliações de desempenho interferem no seu desenvolvimento como cidadão, como podemos contribuir para o desenvolvimento e melhor aplicação das mesmas. Como o professor pode estimular a melhoria do ensino aprendizagem na avaliação de matemática dos alunos de 6º ao 9º ano.

Processo para seleção de referencial teórico.

A academia tem um vasto material em busca de orientar as formas avaliativas as publicações, livros, artigos, editoriais, site e a própria internet vêm colaborando para o melhor desempenho das avaliações aplicadas na sala de aula.

Para que possamos ter uma pesquisa estruturada selecionamos alguns grandes autores para embasar e refinar nossa linha de pensamento o nosso referencial teórico tem como base os escritores como:

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Verificação ou Avaliação:** o que pratica a escola? Série **Idéias** (8):71-80. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo, 1990.

Neste artigo, o autor aborda os conceitos de verificação e avaliação, diferenciando suas finalidades e trazendo informações que suscitam uma análise de como tem sido praticada a avaliação na maioria das escolas. Apresenta elementos que problematizam os sistemas de notas e de conceitos, discutindo como usualmente a escola os utiliza. Dá destaque aos usos dos resultados da avaliação, que podem servir a diferentes propósitos.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições São Paulo 2002.

Neste contexto o autor nos direciona a pensar sobre a democratização do ensino e avaliação do aluno em uma sociedade moderna, como uma sociedade urbana.

Hoffman, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista** / Jussara Hoffman – Porto Alegre, 1991

Para que possamos discutir uma ação e tornar a avaliação libertadora e criar uma ruptura e um a quebra do mito e um novo desafio para o novo milênio.

SOUSA, Sandra Maria Zákia. **Avaliação da Aprendizagem**: Teoria, Legislação e Prática no Cotidiano de Escolas de 1º Grau. Série **Idéias** (8): 106-118. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo, 1990.

Uma análise de concepções de avaliação subjacentes à legislação que orienta o ensino no Brasil e o conhecimento de interpretações de sujeitos atuantes na escola básica sobre as práticas avaliativas.

FREITAS, Luiz Carlos de e FERNANDES Cláudia de Oliveira. **Indagações sobre currículo**: currículo e avaliação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 44 p. [organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento].

A avaliação é tratada pelos autores como “uma das atividades do processo pedagógica necessariamente inserida no projeto pedagógico da escola, não podendo, portanto, ser considerada isoladamente.

Esteban, Maria Teresa. **Avaliação: prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro, 2000 .Conforme a escritora o “O fracasso escolar se configura dentro de um quadro de múltiplas negações,” ela indica que um dos motivos do fracasso escolar pode estar ligado a vários fatores dentro da unidade escolar e fora da unidade escolar.

PROBLEMATIZAÇÃO

No decorrer desta pesquisa estaremos diante de inúmeras questões que indicam várias discussões sobre o tema avaliação em matemática que mostra, na verdade, uma indisposição do aluno diante o tema. O fracasso nas avaliações é sempre relacionado a uma pequena falta de entendimento do conteúdo e então se cria uma relação de falta de gosto pela matéria.

Fazer com que os alunos entendam que conhecer matemática é primordial para seu desenvolvimento, e que o conteúdo curricular pode ser divertido e interessante, é uma busca constante dos educadores; mostrar que os números não são tão complexos e que as fórmulas são apenas a aplicação do que deve ter sido entendido previamente são condições que configurar um desempenho ruim, causando em estresse antes e após a avaliação e um desconforto em relação ao conteúdo.

Buscar entender o universo do educando não foi e nunca será uma tarefa fácil para o educador, pois em uma classe heterogenia temos várias situações extra-escolares que nos impede de descobrir por que alguns alunos consideram a matemática como matéria interessante, estimuladora, proporcionando-lhe segurança e estímulo para transformar o abstrato em algo concreto, enquanto que, para outros, ainda que busquem arduamente o entendimento do conteúdo não conseguem atingir os objetivos mínimos da grade curricular. Diante desse quadro, a grande dificuldade é mostrar outra perspectiva para esse outro grupo, não pela simples obtenção de notas, mas para tornar atrativo e interessante o estudo da disciplina.

“A prova escrita de Matemática visa, de modo especial, apurar o domínio das operações fundamentais e o desembaraço no cálculo. Os problemas e exercícios propostos devem, portanto, verificar, realmente estes dois pontos, evitando-se os de exposição intrincada e fácil resolução, como são geralmente os chamados "quebra-cabeças". (BICUDO, 1942:542)

O que herdamos de outras épocas sobre avaliação de matemática como é citado pelo autor BICUDO e “quebra-cabeças”, mas na verdade é um terrível engano referente a este tema, assim como as ciências exatas são tidas como um processo de exclusão o que deveria ser de aferição da aprendizagem. Com esse paradigma, criamos na sociedade um pânico referente ao assunto. Foi dado à matemática o estigma de “a mais difícil das disciplinas”. Criou-se um temor em relação ao assunto, que pressiona o aluno, levando-o a um bloqueio psicológico que o impede até mesmo de fazer uma leitura correta da questão proposta e consequentemente do raciocínio necessário para resolvê-la tornou-se desgastante para o aluno a avaliação de matemática, causando-lhes inquietações e inseguranças ao analisar as questões, fatores que atrapalham a clareza de raciocínio para resolver as problemas propostos.

Estamos também em busca dessas respostas. O que diferencia o que é cobrado através dos tempos do que realmente é exigido pelo mercado globalizado? Será que os alunos do 6º ao 9º ano conseguem enxergar a aplicabilidade desse conhecimento para sua vida profissional ou mesmo como requisito para sua posição nessa sociedade global? De onde virá esse temor pela matemática? O que podemos fazer para atenuar essa rejeição por esta disciplina?

Um dos problemas desta pesquisa visa justamente conduzir um parâmetro que direcione o processo de ensino-aprendizagem de forma mais humana e formativa para que o educando possa caminhar com plenitude e individualidade. Fazer com que ele exerça sua capacidade de aprendizagem e também despertar no educador o desejo de reforma na elaboração de sua avaliação.

Quais as concepções e atitudes dos alunos do 6º ao 9º ano frente à avaliação de matemática? Como ele se comporta? Quantas horas ele destina ao estudo? Ele consegue entender que o objetivo não é apenas “passar de ano”? E sim mostrar para ele que ele faz parte do contexto e que ele faz parte do mundo a partir de pequenas equações, Quais os efeitos do Exame de Matemática do 6º ao 9º ano nas práticas de ensino? Como explicam os professores possíveis discrepâncias entre as práticas e a avaliação? Qual papel do mestre no crescimento indivíduos?

Outro parâmetro que serve de busca constante entre vários educadores e a não democratização da avaliação escolar é um ponto importante, pois é ela que provoca a continuidade, a insegurança e falta de interesse dos alunos. Uma avaliação que seja elaborada de forma inadequada pode possibilitar um índice maior de repetência e com isso uma evasão escolar mais alta. Uma avaliação feita com desvio pode estar contribuindo significativamente para um processo de inviabilização da democratização, Questões mal redigidas que possam induzir a mais de uma interpretação, instrumentos que não meçam os conteúdos que realmente foram abordados em sala de aula, são fatores que caracterizam uma avaliação inadequada. Outra posição indesejada é a do professor que organiza sua avaliação com base no comportamento do grupo: Se é uma turma obediente (as vezes mais apática do que propriamente obediente) prova fácil: turma mais turbulenta, prova difícil, o que dará à avaliação uma característica totalmente diversa da sua função: aferir conhecimento e reprogramar a atuação do professor, se necessário.

“Avaliar o aluno deixa de significar fazer um julgamento sobre a aprendizagem do aluno, para servir como momento capaz de revelar o que o aluno já sabe, os caminhos que percorreu para alcançar o conhecimento demonstrado, seu processo de construção de conhecimento, o que o aluno não sabe, o que pode vir a saber, o que é potencialmente revelado em seu processo, suas possibilidades de avanço e suas necessidades para que a superação, sempre transitória, do não saber, possa ocorrer”.(Esteban, 1997,p.53).

A autora Teresa Esteban fala sobre o resgate da avaliação formativa como instrumento de emancipação e de democratização. Porém essa modalidade requer muito mais trabalho e grande energia do professor, pois terá que disponibilizar tempo que vai muito além das aulas, atualizarem o registro de cada aluno elaborar estratégias adequadas e, com frequência, planejar as atividades realizadas. Mas o contexto que rege a vida do educador é grande empecilio para essas ações uma vez que seria necessário unir um grupo de professores para

estudos mais minuciosos sobre os alunos, seu aproveitamento, suas deficiências. Essas medidas demandam tempo e, na atual conjuntura, com seus salários achatados, o professor precisa trabalhar em tempo integral, em mais de uma escola ou ministrar aulas particulares para obter uma remuneração mais adequada fica praticamente improdutivo essas praticas.

E a quem caberá essa revolução? Ao professor regente de turma, ponta do processo educacional. A ele está destinada a escolha dos mecanismos mais adequados para avaliar seus alunos e também toda a sociedade acadêmica em em uma ação conjunta de todos para uma reforma educacinal e não de segregar os menos favorecidos do ponto de vista intelectual ou menos social (aqueles que vivem em ambientes incultos, que não são devidamente estimulados ao conhecimento). De forma a não provocar divisão de perspectiva no alcance do sucesso em suas vidas escolares e, futuramente profissionais.

Utilizar o processo de avaliação de modo a proporcionar ao aluno uma visão do estágio em que se encontra sua aprendizagem. Incutir no educando a noção de que os exercícios, as provas, os testes têm como função principal a de “descobrir” quais conteúdos precisam a ser reforçados para atingir à compreensão do aluno e, até mesmo, que novas estratégias didáticas deverão ser utilizadas pelo professor a fim de alcançar seu principal objetivo: promover a aprendizagem do grupo esta e a verdadeira função da avaliação, uma forma incorporada afim de deixar o aluno totalmente envolvido no processo de avaliação e com isso passar a entender que a mesma deixar de ser apenas uma forma de alcançar “notas para passar de ano”, mas o meio de estabelecer novos passos a serem adotados para atingir à plena aprendizagem esteremos dando o primeiro passo.

A idéia de que realmente a avaliação e o conheciemnto adquirido apontam a um processo de exclusão e indica que estamos cada vez mais no caminho errado, nos remete a Grécia, mostrando que a forma de avaliação e sim de segregação, apenas os mais capazes é que seguem para as series superiores, mostra cada vez mais que teremos que encontrar uma fórmula de romper com esse discurso e trazer para dentro da escola uma nova realidade atribuindo

também a realidade social e contexto familiar para que junto com a educação, possamos avaliar melhor nossos alunos.

Entender que a avaliação mal elaborada se torna um meio de exclusão não foi e não será uma medida fácil e mostrar que os excluídos podem e devem ter uma atenção maior para o seu desenvolvimento social requer uma grande e forte luta, para que possamos chegar à democratização da educação e avaliação, buscar nas avaliações respostas e não apenas índice nos tornará cada vez melhores a cada dia, teremos a oportunidade de diminuir o risco de uma avaliação não democrática.

O tema avaliação reveste-se de tal importância para o processo ensino-aprendizagem que ultrapassa, atualmente, os limites geográficos dos países. Assim é que organismos internacionais vêm estabelecendo parâmetros a serem atingidos através de órgãos como FMI, BRID, UNESCO, ONU, OCDE, que atrelam, inclusive, a alocação de verbas específicas para fomentar estudos mais aprofundados sobre o tema que se reverta em ações práticas e possam dislumbrar em quanto tempo cada país terá formado cidadãos capazes de utilizar as ferramentas tecnológicas necessárias a sua efetiva participação no processo globalizado.

Os órgão acima citados dispõem de mecanismos para interferir e analisar todo o país isso ocorre após as provas do ENADE, PROVINHA BRASIL, ENEM.

Esses órgãos atuam assim: a UNESCO - Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura que foi criada em 1945 pela Conferência de Londres e tem como objetivo contribuir para a paz através da educação, da ciência e da cultura. Visa eliminar o analfabetismo e melhorar o ensino básico, além de promover publicações de livros e revistas, e realizar debates científicos. Desde 1960, atua também na preservação e restauração de espaços de valor cultural e histórico o OCDE - Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico é um fórum internacional que articula políticas públicas entre os países mais ricos do mundo. Fundada em 1961, substituiu a Organização Europeia para a Cooperação Econômica, criada em 1948. Sua ação, além do terreno econômico, abrange a área das políticas sociais de educação,

saúde, emprego e renda a OMS - Organização Mundial da Saúde é uma agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à ONU. Sua sede é em Genebra, na Suíça. Tem como objetivo principal o alcance do maior grau possível de saúde por todos os povos. Para tanto, elabora estudos sobre combate de epidemias, além de normas internacionais para produtos alimentícios e farmacêuticos. Também coordena questões sanitárias internacionais e tenta conseguir avanços nas áreas de nutrição, higiene, habitação, saneamento básico, etc. a OEA - Organização dos Estados Americanos foi criada em 1948, com sede em Washington (EUA), seus membros são as 35 nações independentes do continente americano. Seu objetivo é o de fortalecer a cooperação, garantir a paz e a segurança na América e promover a democracia e a educação o BIRD - Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento tem como o objetivo conceder empréstimos aos países membros, o BIRD, também conhecido como Banco Mundial, oferece financiamento e assistência técnica aos países menos avançados, a fim de promover seu crescimento econômico. É formado por 185 países-membros e iniciou suas atividades auxiliando na reconstrução da Europa e da Ásia após a Segunda Guerra Mundial o FMI - Fundo Monetário Internacional foi criado para promover a estabilidade monetária e financeira no mundo, oferece empréstimos a juros baixos para países em dificuldades financeiras. Em troca, exige desses países que se comprometam na perseguição de metas macroeconômicas, como equilíbrio fiscal, reforma tributária, desregulamentação, privatização e concentração de gastos públicos em educação, saúde e infraestrutura.

Trata-se, portanto, de uma discussão internacional e não apenas de uma sala de aula e de vincular o sucesso da educação aos conceitos modernos do processo de avaliação nas escolas.

Nessa discussão do processo avaliativo qual seria a sua função? Inclusão, exclusão, diagnosticar, verificar, qualificar.

Vimos, portanto que no processo de inclusão apreciado por todos os órgãos internacionais não se remete apenas as notas mas todo o contexto social e econômico para o desenvolvimento pleno do educando esta grande preocupação que os valores atribuídos aos alunos em sala de aula ultrapassam a fronteira dos países, faz com que todos nós passamos a fazer parte da melhoria do ensino, aprendizagem e avaliação e que as notas boas tidas como exemplo, sejam um referencial e não apenas de alunos bem comportados com cadernos organizados com uniforme em dia e que possaram a ter até uns pontos extras.

Já as notas abaixo dos parâmetros internacionais são tidas como um problema social então não há um entendimento globalizado como lidar com esse problema e neste ponto que todos começam a discutir e questionar o que há de errado com o processo de ensino neste momento o conteúdo e questionado, a forma em que ele colocado de maneira fácil para o aluno e as críticas referentes a turma fazem parte deste contexto, será que os exames são de conteúdos de fácil entendimento o conjunto social daquela família, todos esse parâmetros podem fazer parte de índice pois tornaram uma forma de exclusão e não terá boa visibilidade na comunidade internacional.

Diagnosticar o contexto social seria a primeira etapa para diminuir o processo de exclusão e o temor pelas provas de matemática; verificar as competências, entender o universo do aluno, ver as suas habilidades ou a falta delas, comparar com os parâmetros internacionais e a partir daí fazer as competências necessárias para fortalecer o aluno e conduzi – lo para melhor aprendizagem.

Verificar se os alunos estão realmente atingindo os resultados oferecidos formatando o que foi ensinado com que foi proposta, talvez esta forma de avaliação seja uma das mais trabalhosas, pois requer uma resposta rápida de ambos para um resultado melhor. Verificar a cada momento o crescimento intelectual do aluno.

A somativa visa justamente atribuir os melhores conhecimentos dos alunos em todas as etapas e assim direcioná-lo para um caminho mais curto e melhor buscando o melhor conhecimento de todas as etapas e atribuindo para o aluno

mostrando melhor caminho a seguir, a somativa junta tudo que há de melhor para todos professores antecessores, atuais e posteriores bem como para o educando.

Essas três formas de analisar o processo de avaliação que vem sendo proposto pelos novos pensadores seria uma forma de corrigir algumas falhas na aprendizagem, o professor de hoje terá não apenas que elaborar provas mas também diagnosticar os problemas de sala de aula, verificar os rendimentos e somatizar o conteúdo para próximo mestre.

Também encontramos modelos de avaliação indicado pelo Lukesi, 2002 o tradicional e o adequado; a forma de avaliar interfere e muito nas condições do crescimento do educando ele mostra uma comparação entre o modelo.

No modelo tradicional o aluno segue sua aprendizagem em direção a provas. Nos primeiros dias de aulas serão definidas as datas das provas o seu valor e o conteúdo sem ser visto, e média para a provação, o resultado e que as notas vão sendo armazenadas e no final ele é aprovado ou reprovado não importando a forma como obteve a sua nota.

No modelo adequado o aluno segue o rito da aprendizagem, o que previsto e prazeroso para ele, o resultado das avaliações são meros comparativos para corrigir possíveis falhas no processo de aprendizagem.

No modelo tradicional os exames são tidos como fator corretivo são verdadeira torturas psicológicas são aplicados sob pressão e o que pior com a sem a intenção motivadora na aprendizagem. Ainda é comum ver alguns colegas informarem para os seus alunos “Dá para ficar em silêncio, no dia da prova vocês vão ver!!, Estudem!”, com isso o fator importante fica de fora e entra a prova como fator negativo de motivação de repressão, de constrangimento, os alunos fazem a prova pela ameaça e desenvolvem o ato de submissão e não da busca de aprendizagem.

No modelo adequado os exames e a competência prevista no projeto pedagógico tendem a ser utilizados como metas e comuns dos professores. Temos então uma inversão de valores, a avaliação deixa de ser somente um objeto de certificação para um objeto de acompanhamento na aprendizagem.

Então vamos entender as instituições de ensino como se relacionam com o processo de exames no tradicional, por exemplo, é somente vista às notas no quadro geral, para que possam ter uma avaliação no contexto geral e o processo educativo permanece escondido em relatório e feita uma media qual inibi a realidade da aprendizagem.

Já no modelo de qualidade as instituições de ensino devem preocupar-se com o presente e o futuro do educando, especialmente com sua inclusão social isso implica que o foco passa a ser o resultado de seu ensino para o educando e não a média do aluno.

O sistema tradicional se contenta com notas suficientes para os quadros estatísticos. Os resultados dentro dos índices são considerados normais o que implica que não há garantia e credibilidade de ensino. Porém no modelo moderno há um alerta para que as médias inferiores sejam revistas, e a qualidade do ensino seja melhorada sempre com foco na educação voltada para criação de um cidadão pleno.

O nível macro e longo prazo dos processos avaliativos, moderados ou modernos terão um resultado melhor para o educando e reconhecemos que o sucesso de qualquer empreendimento depende da qualidade da avaliação que puder ser proporcionada. O que temos hoje é um processo avaliativo deficitário preso no passado e sem perspectiva de futuro.

OBJETIVOS

a. OBJETIVO GERAL

Compreender o papel do professor na melhoria no processo ensino aprendizagem na avaliação de matemática perante o aluno de 6º ao 9º ano e quais as reações dos mesmos frente aos exames que são aplicados para melhor eficácia do processo ensino/aprendizagem dentro do contexto social, político, cultural e pedagógico.

b. OBJETIVO ESPECÍFICO

Estudar artigos e a Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares Nacionais referentes à avaliação da aprendizagem de 6º ao 9º ano.

Verificar como se dá o processo avaliativo no cotidiano escolar junto aos professores e alunos do 6º ao 9º ano.

Entender as concepções de avaliação dos professores no âmbito do ensino/aprendizagem da matemática;

DESIGN DE INVESTIGAÇÃO

Vamos utilizar a metodologia de pesquisa quantitativa, pois tem como intuito auxiliar o processo investigativo como aponta Minayo (1993, p.23) “trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidas à operacionalização de variáveis”.

Para Minayo a forma na linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno e das relações às variáveis, pois este método não aceita outra realidade que não sejam os fatos a serem verificados; buscar investigar as relações entre fatos e variáveis; visando ao conhecimento objetivo e propondo a neutralidade científica e adotando o princípio da verificação utilizando método de pesquisa quantitativo, propondo a generalização dos resultados, coleta de informações e tratamento delas por meio de técnicas estatísticas.

a. Objeto da Pesquisa

- Aplicação de questionário e de design educacional como elemento que viabiliza a construção de recursos de avaliação.

b. Sujeito da Pesquisa

- Segundo dados colhidos na SEME a rede Municipal de Ensino de Cabo Frio é composta de 18 (dezoito) unidades escolares de 6º ao 9º ano, com 308 (trezentos e oito) turmas com 9482 (nove mil quatrocentos e oitenta e dois) alunos. E neste universo que será aplicado 150 (cento e cinquenta) formulários para os educando e será utilizada a amostragem proporcional estatística.

c. Locus da Pesquisa

- O questionário da pesquisa de investigação será aplicado nas unidades escolares que tenham mais de duas turmas e com um quantitativo maior ou igual a 80 oitenta alunos.

d. Instrumento da pesquisa

- Questionário com alunos baseado na pesquisa da Mestra Albaneide Silva Celestino, após sua aprovação através Orientadora: Prof^a. Dra Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida.

e. Procedimento da Análise

- Solicitar a autorização da Mestra Albaneide para utilizar e adequar o seu questionário, a fim de designarmos um parâmetro comparativo;
- Solicitar a autorização junto a SEME (Secretaria Municipal de Educação) e da Secretaria de Ciências e Tecnologia para que possamos aplicar os questionários nas unidades escolares;
- Analisar os dados coletados em planilhas utilizando o Software Excel;
- Os resultados serão agrupados por região 1º distrito e 2º distrito, para um comparativo, com intuito de apreciarmos a visão do aluno e o pensamento de cada área da cidade, a diferença entre área urbana e área rural;
- As Medidas de posições serão Média Aritmética($\bar{x}$), A mediana (Md).
- As Medidas de dispersão ou de variabilidade Desvio Padrão e Amplitude Total;
- Os Gráficos serão apresentados em forma de colunas, pizza e barras.

CRONOGRMA

Periodo Atividades	Ano 2015				Ano 2016				Ano 2017			
	1º Trim	2º Trim	3º Trim	4º Trim	1º Trim	2º Trim	3º Trim	4º Trim	1º Trim	2º Trim	3º Trim	4º Trim
Discuplinas de Pos Graduação												
Pesquisa Bibliografica												
Seminário de Qualificação de Projeto												
Construção da Pesquisa de Campo												
Coleta de dados – pesquisa de campo												
Distribuição – tabulação do material de pesquisa												
Descrição e analise do material de campo												
Redação final e Dissertação												

BIBLIOGRAFICAS

Luckesi, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proposições** – 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Esteban, Maria Tereza. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos** – 2º Ed. – Rio de Janeiro, 2000.

CAPPELLETTI, Isabel F. (org) **Avaliação da aprendizagem**: discussão de caminhos. São Paulo: Editora Articulação Universidade/Escola, 2007.

CARVALHO, M. P. de. **O fracasso escolar de meninos e meninas**: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.22, n.1, jan./jun., 2004.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Editora Mediação, 1993.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PIRES, Adriana Cristina . **Avaliação da Aprendizagem na educação de jovens e adultos** – EJA. Trabalho apresentado na 30ª Reunião Anual da ANPEd.

RAPHAEL, Hélia Sonia. Avaliação: questão técnica ou política. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo: 1995, n.12, p.33-43. (acesso <http://www.fcc.org.br> - periódicos)

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Referencial sobre avaliação da aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais** / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007. (Parte 2: Avaliação da aprendizagem na perspectiva da inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais).

SOUSA, Clarilza P. de (Org.). **Avaliação do Rendimento Escolar**. Campinas: Papirus, 2004.

SOUSA, Sandra Zákia. **Conselho de Classe**: um ritual burocrático ou um espaço de avaliação coletiva. **Idéias**, São Paulo, v. 25, p. 45-60, 1995.

SOUSA, Sandra Maria Zakia Lian. **Avaliação Escolar e Democratização:** o direito de errar. In: Júlio Groppa Aquino. (Org.). **Erro e Fracasso na Escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, v. , p. 125-138.

SOUSA, Sandra Zákia. **Avaliação, ciclos e qualidade do Ensino Fundamental:** uma relação a ser construída. **Estudos Avançados** 21 (60), 2007 p.27 a 43 (para quem atua em sistema de ciclos).

VASCONCELLOS, C. **Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudança.** São Paulo: Libertad, 2003.